

Sumário

- 4 Editorial - *Mensagem de Steve Milpacher, Diretor de Operações do WPT*
- 5 Papagaios-do-Congo na natureza- um sonho que se torna realidade
- 9 Araras misteriosas das savanas Aripo - Maracanã-do-buriti em Trinidad
- 14 Reflexões sobre: Resgate e adoção de psitacídeos
- 18 PsittaNews - *Notícias e novidades - Contatos do WPT*
- 20 Psitacídeos na natureza - Cacatuas-negras-de-cauda-vermelha

Nas capas

Um bando de maracanãs-do-buriti (*Orthopsittaca manilatus*) atacam uma palmeira. Outros psitacídeos têm mostrado esse comportamento; porque fazem isso permanece um mistério. Foto © Murray Cooper Photography.

As maracanãs-do-buriti são uma das menores araras da sua família, pesando somente 300g cada. Essas aves cheias de personalidade fazem sons diferentes conforme se alimentam, e são muito vocais em grupo. A espécie é dependente da palmeira de buriti (*Mauritia flexuosa*) para dormitório, alimentação e nidificação.

Leia mais na página 9, *As araras misteriosas das savanas de Aripo*.

Editorial

Mensagem de... do escritório de Steve

Na edição final da PsittaScene deste ano, estamos aprendendo muito sobre psitacídeos do que se sabia anteriormente – o dia-a-dia das Maracanãs-do-buriti e Trinidad, e mais sobre o status dos Papagaios-do-Congo em Camarões através dos olhos abertos de um admirador de longa data.

É interessante notar que os Papagaios-do-Congo são animais de estimação muito conhecidos mas se tornam cada vez mais raros na natureza, enquanto que as Maracanãs-do-buriti são agora quase inexistentes em cativeiro e sua população é aparentemente estável na natureza. É uma comparação interessante, e certamente destaca as diferenças no status das espécies de psitacídeos.

E enquanto estamos falando sobre cativeiro, existe um comentário que provoca reflexões escrito por Eb Cravens, especialista em psitacídeos, sobre os seus resgates – as questões que ocasionam que cheguem a essa situação e como eles sobrevivem após isso.

Devido ao seu apoio, iremos continuar a aprender com novas ideias (e adicionar aos nossos pensamentos as anteriores) que afetam a sobrevivência na natureza e suas vidas como animais de estimação. Por isso somos agradecidos que você esteja nessa jornada conosco.

*Steve Milpacher,
Diretor de Operações WPT*

Qual será o seu legado?

Deixe que sua dedicação pelos psitacídeos continue a viver. Deixando um legado ao World Parrot Trust pode ser a maneira mais fácil e recompensadora das contribuições que você fará.

Viste o site www.parrots.org/legacy ou contate o representante mais próximo de você (*leia mais na página 19.*)

Araras em vôo © swstock / Adobe Stock

Papagaios-do-Congo na natureza: um sonho se torna realidade

Artigo e fotos © Sascha Düker

Desde que era criança tinha o desejo de ver a minha ave favorita, o Papagaio-do-Congo (*Psittacus erithacus*), na natureza. Me lembro das fotografias no início dos anos 2000 da minha verista favorita sobre psitacídeos na Alemanha, de enormes bandos congregando ao redor de um lago na remota e densa floresta tropical em algum local da África.

Embora o meu sonho de manter essa ave como animal de estimação modificou durante o meu desenvolvimento pessoal e educação, meu sonho de me tornar um biólogo de animais selvagens e estudar esses animais em seu hábitat natural persistiu.

E finalmente...ali estavam.

Após trabalhar em uma clínica veterinária especializada em aves, estudei biologia e dei boas-vindas a oportunidade de ir e ver meus papagaios na densa floresta tropical de Camarões no oeste da África.

Como parte de meu programa de Mestrado em Biodiversidade, Ecologia e Evolução tive a oportunidade única de fazer excursões à campo com meus companheiros de estudo indo a destinos maravilhosos incluindo países tropicais com hotspots de biodiversidade como a Costa Rica, Papua Nova Guiné e Camarões.

Após cuidadoso planejamento de vistos, permissões de pesquisa, financiamento e tendo intermináveis discussões sobre a proposta de pesquisa, finalmente chegou o momento de deixar a Alemanha e voar para a aventura em Camarões.

As primeiras três semanas em Camarões foram bastante relaxantes, conforme todo o planejamento da excursão já havia sido feito pelo meu professor e um estudante de doutorado de sua equipe. Fomos visitar uma série de áreas e ter reuniões com grupos conservacionistas. Antes, eu havia enviado planos para ninhos artificiais que queríamos instalar na região ao redor de Mundemba, para o estudante de PhD que foi antes de nós. Ele mostrou meus planos para um carpinteiro local. Quando cheguei em Mundemba, os ninhos já estavam prontos, exatamente como imaginava que ficariam.

Portanto, comecei a organizar minhas caixas-ninho, desenhar o projeto e arrumar a câmera, que trouxe da Alemanha para instalar em uma das caixas. No meio do planejamento aconteceram alguns obstáculos: os estudantes tiveram os problemas digestivos típicos, um após o outro. Em somatória a isso, o calor extremo e umidade tornavam o trabalho bastante difícil. Contudo, eu não queria arruinar a minha viagem, portanto continuei a trabalhar.

Até esse ponto não havia visto ou escutado nenhum psitacídeo e estava ansioso por finalmente ir ao Parque Nacional Korup, que esperava ser de floresta primária, estando lotado com as minhas aves favoritas. Deixamos Mundemba, dirigindo um veículo 4x4 através das estradas lamacentas da plantação de dendê PAMOL Ndian, mas não vimos ainda nenhum psitacídeo nas árvores.

Atravessando a Ponte Mana no Parque Nacional Korup e entrando na densa floresta foi uma experiência que nunca irei esquecer. Nunca havia visto uma enorme floresta tropical intacta com árvores gigantes. Mesmo nas minhas viagens ao Brasil na floresta amazônica nada era comparado a isso.

Meu professor e diversos assistentes locais guiaram nosso grupo de estudo através da densa floresta até alcançar o “acampamento chimpanzé” no meio da parte sul do Parque. Em nossa caminhada, encontramos com alguns rastros de Elefantes da Floresta (*Loxodonta cyclotis*) que um companheiro de estudo estava pesquisando. No entanto, não havia novamente sinais de psitacídeos. Me senti desapontado; mesmo que fosse o final da manhã, ao redor das 10, ainda esperava ver ou pelo menos ouvir as aves. “Era um dia quente e estávamos bastante atrasados, então talvez os papagaios já haviam parado as suas atividades e estavam descansando”, pensei.

Chegamos ao acampamento chimpanzé e arrumamos nossas tendas. O campo era uma pequena clareira na floresta com uma cabana e um pequeno abrigo. O banheiro era alguns buracos no chão, que reconhecemos valer a pena ser visitado especialmente durante a noite, se você se interessa por insetos, aranhas e escorpiões!

Próximo ao campo, havia um pequeno córrego que os provia de água para banho e para beber pelos próximos 5 dias. Todo dia requeria caminhadas na floresta onde fomos aconselhados a reportar avistamentos e sinais de mamíferos grandes (especialmente macacos e elefantes) e Papagaios-do-Congo; iríamos avaliar todos esses dados ao entardecer.

Encontramos diversos macacos, antílopes, porcos selvagens e até mesmo espécies raras de primatas (*Arctocebus calabarensis*) durante uma das caminhadas noturnas. Ainda assim, ninguém escudou ou viu um Papagaio-do-Congo durante nossa estadia. Isso foi muito desanimador e deixei o campo no nosso último dia com tristeza. Estaria meu sonho de ver Papagaios-do-Congo na natureza sem ser concretizado? Onde poderia esperar vê-los senão aqui no seu habitat natural e nas florestas primárias de baixa-altitude?

O momento de ver um Papagaio-do-Congo estava mais próximo do que esperava, só não sabia ainda: surpreendentemente, em nossa saída do parque, um dos assistentes locais aproximou-se de mim e cochichou que ele podia escutar papagaios na proximidade. Ele me levou para longe dos outros e calmamente se aproximou da árvore onde havia escutado os sons.

Comecei a escutar os seus gritos e grasnados

Finalmente, após cinco dias no Parque Nacional Korup, vi meu primeiro Papagaio-do-Congo 30 metros acima em um galho da árvore, nos olhando enquanto conversava com seus companheiros!

Eu rapidamente peguei minha câmera ainda que minhas mãos estavam tremendo do nervosismo e receio de que iria sair voando. Decidi continuar e tirei minha primeira foto de um Papagaio-do-Congo selvagem. Uau!

Eu nunca havia visto um Papagaio-do-Congo tão saudável e em boa aparência. Obviamente, os psitacídeos que vão a um cirurgião veterinário estão na maior parte doentes, mas mesmo outros que se encontram em criatórios não parecem tão saudáveis e em boa forma como esse indivíduo. De acordo com meu assistente, havia três indivíduos, que anotei em meu caderno, incluindo a distância de nossa trilha até a árvore, para incluir na minha tese. Que alívio! Poderia dizer para mim mesmo agora que ainda havia Papagaios-do-Congo sobreviventes na floresta.

Apesar da minha felicidade, essa experiência me fez perceber o que minha pesquisa sobre os Papagaios-do-Congo mostra ser uma realidade aterradora. Somente um encontro após tantas caminhadas através da floresta era nada! Sabia que as perspectivas atuais eram horríveis para eles conforme os estudos em Gana mostram declínio de mais de 90%.

Ainda assim, estava esperando que na direção mais ao leste de Gana, nos Camarões, eu iria encontrar números maiores. Continuei meu trabalho com os assistentes após que o resto do grupo de estudo da Alemanha foi embora e o que encontrei nos próximos três meses – **ou não encontrei** – foi aterrorizante.

Continuei os censos no parque e pesquisei as plantações de dendê, assim como as pequenas vilas circundando o parque. O parque estava quase vazio com exceção de alguns encontros. De vez em quando escutávamos ou víamos papagaios voando sobre nós.

As monoculturas de plantação de dendê mostraram uma densidade ligeiramente maior de aves do que no Parque. Ali os papagaios podiam encontrar alimento. Apesar disso, de acordo com um fazendeiro, os números haviam diminuído e os papagaios em tão pequenos números “não são um problema hoje em dia” em termos de comer os frutos.

Ao instalar as minhas caixas-ninho agora pareciam ser inúteis já que não haviam muitos papagaios ali. No entanto, de cada três tipos de paisagem pesquisadas, os papagaios eram mais abundantes nas vilas e nas cercanias. Ali encontravam alimento assim como árvores para nidificar. Ainda assim, até mesmo ali as densidades eram próximas de não existentes em comparação com o que foi pesquisado em 2008-2010. *Como as populações poderiam declinar de maneira tão dramática em apenas 6 anos, em 2016?*

Quatro meses após eu voltar para a Alemanha em Outubro de 2016, a CITES votou para aumentar o nível de classificação de espécies ameaçadas para os Papagaios *P. erithacus* and *P. timneh* no Apêndice 1, que proibia o comércio internacional dessas espécies.

Após minha pesquisa de três meses, sabia que era mais do que necessário fazer isso, já que a captura e perda de habitat são os principais fatores que sofrem as populações de papagaios.

Existe muito trabalho para os conservacionistas fazerem agora. No entanto, espero que a proibição irá contribuir para a preservação na natureza de modo que no futuro ainda possamos ser capazes de escutar seus maravilhosos sons nas florestas tropicais.

Sobre o Autor

Sascha Düker é um estudante de Mestrado de Biodiversidade, Ecologia, e Evolução na Alemanha, focando na conservação da natureza e em psitacídeos. Ele está atualmente trabalhando no Projeto do Papagaio de Seichelles no Parque Nacional Vallée de Mai e está planejando fazer um doutorado sobre psitacídeos em 2018.

Legendas

Esquerda: Um assistente prepara as cordas para escalada.

Direita: Cuidadosamente atravessando a Ponte Mana na entrada do Parque Nacional Korup.

Finalmente meu primeiro Papagaio selvagem!

Esquerda e acima à direita: Ninhos sendo instalados.

Abaixo À direita: Dr. Matthias Waltert com seus estudantes da Universidade de Göttingen e a equipe local.

Citação

Pouco se conhece sobre a Maracanã-do-buriti em Trinidad, além de que aprecia muito os frutos do buriti.

AS ARARAS MISTERIOSAS DAS SAVANAS DE ARIPO

Aliya Hosein

Citação

Não deixe esse terreno te enganar: andar nas áreas protegidas das savanas de Aripo (ASESA) na ilha de Trinidad é um verdadeiro teste de equilíbrio e perseverança.

Utilizada pelo exército Americana na Segunda guerra mundial, estradas, bunkers e canais de drenagem ainda permanecem como remanescentes até os dias de hoje.

Após a base ser abandonada, a área sofreu mineração desregulada, desmatamento ilegal e caça conforme povoados foram estabelecidos ao redor da ASESA. Mas além dos seus 1880 hectares de terreno traiçoeiro e histórico de perturbação humana, é conhecida por suas impressionante vegetação e diversidade biológica.

A ASESA consiste de três habitats: savana aberta onde somente grama e ervas são capazes de sobreviver devido à proximidade de uma camada dura de argila na superfície; floresta de pântanos onde as árvores e outras vegetações lenhosas crescem devido a que a camada de argila é encontrada em uma profundidade maior, e floresta de palmeiras nos pântanos onde as espécies de plantas dominantes são as majestosas palmeiras de buriti *Mauritia flexouosa*.

Diversos mamíferos, incluindo a cutia *Dasyprocta leporina*, eixes, anfíbios, répteis, insetos e

crustáceos, chamam a ASESa de seu lar. Em termos de aves, um total de 132 espécies de aves foram relatadas até o momento, algumas das quais são residentes, tais como o raro *Icterus cayanensis chrysocephalus*, *Tyrannopsis sulphurea*, *Tachornis squamata* e a Maracanã-do-buriti *Orthopsittaca manilata*. Existem outras espécies de psitacídeos na ASESa: o Tuim de cauda violeta *Touit batavicus* e o Papagaio-do-mangue *Amazona amazonica*.

Pouco se conhece sobre a Maracanã-do-buriti em Trinidad além de que aprecia muito os frutos dessa palmeira. Até o momento, apenas Peter Bacon e Wayne Bonadie fizeram pesquisa sobre a espécie no Pântano de Nariva, em Trinidad.

Portanto, parti para descobrir se a frutificação dos buritis tinha um efeito sobre a abundância das Maracanãs-do-buriti e Papagaios-do-Mangue e na sua distribuição na fragmentada área da ASESa como parte da minha pesquisa de Mestrado (Universidade das Índias Orientais).

A aventura começou com uma visita de reconhecimento até ASESa com meu orientador Prof. Adrian Hailey. Nossa missão era localizar as linhas transecto potenciais e determinar por cima o número de palmeiras em frutificação dentro dessas áreas. Era final de Agosto e a estação chuvosa já estava sobre nós, mas felizmente, ou assim pensei, era um dia ensolarado.

Nós começamos na parte final da ASESa ao seguindo a Linha de trem abandonada do governo (TGR) que é agora uma estrada de grama e pedregulhos. Havia estado chovendo por dias até essa visita e o chão estava úmido, mas não inundado.

Nós andamos devagar distinguindo as palmeiras de buriti maduras das imaturas e contando aquelas que estavam frutificando. Ocasionalmente inspecionamos frutos caídos procurando os sinais característicos de que uma maracanã ou outro psitacídeo havia deixado ao se alimentar.

Eu decidi conferir a base da palmeira que estava a aproximadamente 5m da trilha. Escaneei o chão procurando por alguma cobra *Bothrops asper* e sem nenhuma à vista, prossegui até a palmeira. Confiantemente andei direto em um buraco que estava coberto de grama!

Concordamos que iríamos permanecer das trilhas demarcadas. Continuamos nossa busca dentro da savana a norte da TGR. Instantaneamente meus olhos notaram as altas e elegantes Palmeiras de buriti bordeando a savana aberta com o limite norte como fundo. Nunca me canso dessa vista.

Continuando e quebrando nossa promessa de ficar nas trilhas utilizamos as palmeiras caídas como uma ponte para atravessar o canal que estava nos separando da savana. Uma vez atravessada com sucesso, continuamos verificando as palmeiras.

Mas, ao invés da TGR, a savana estava alagada e estávamos pisando em tufo de grama para evitar escorregar na argila ou ter nossas botas atoladas. Isso definitivamente me atrasou, mas não

ao Professor Hailey

Quando estávamos quase para terminar nossa missão de reconhecimento eu errei e pisei fora do tufo de grama que estava mirando. O solo argiloso da savana segurou minha bota esquerda. O Professor Hailey estava muito longe à frente e na verdade não achei que precisasse de sua ajuda.

Eu tentei mexer e tirar da argila, mas ao invés disso acabei tirando meu pé fora da bota e fiquei parada em um pé como um flamingo. Acabei puxando a bota com minhas mãos. Quando eu o alcancei, ele me perguntou o que havia me atrasado e disse que a savana tinha tentado roubar as minhas botas.

Um mês mais tarde, meu projeto oficialmente começou. A cada final de semana Vishal Rangersammy (assistente de campo, fotógrafo e um completo entusiasta de aves) e eu íamos para a ASESÁ. Assim como um relógio às 6:15 da manhã escutávamos os gritos dos bandos de Papagaios-do-mangue sobrevoando.

As maracanãs fizeram a sua estreia pouco depois e frequentemente pousavam nas palmeiras de buriti para ter o café-da-manhã e talvez discutir as atividades daquele dia. A área realmente se torna um enxame de atividades quando estão se alimentando; chamando umas às outras, se dependurando de cabeça para baixo, derrubando as frutas ou carregando o fruto ate outra árvore, o que é crítico para manter a diversidade genética das populações de buritis, particularmente em uma área tão pequena.

As maracanãs algumas vezes deixam o fruto grudado ao caule enquanto se alimentam, deixando a polpa exposta e disponível para outras aves. Em grande parte, vimos as maracanãs na parte sul da área onde os buritis frutificando eram mais abundantes.

É bem possível que as maracanãs comparem as áreas de forrageamento através da ASESÁ e decidam onde se alimentar baseando-se na abundância relativa dos frutos.

Elas eram mais escassas nas áreas norte e noroeste onde apesar de haverem muitas palmeiras, aquelas em frutificação eram mais raras. Eu descobri que os grupos de maracanãs mudavam entre as estações; no final da estação chuvosa, quando comecei a procurar por elas, eram no máximo quatro indivíduos por grupo, que aumentaram para seis no começo da estação seca.

Na estação chuvosa, alguns dias eram particularmente horríveis; com nenhuma maracanã avistada e botas cheias de água, ficamos desapontados e pensando onde estariam? Eu não considerei que algumas das maracanãs estava formando pares e explorando a área por um local adequado no qual criar seus filhotes. Era a estação reprodutiva!

Por outro lado, os Papagaios-do-Mangue foram observado por toda a ASESÁ e os tamanhos dos

bandos entre as estações permaneceu relativamente similar. Eles eram consistentemente encontrados pousados nas bordas das palmeiras nas savanas e também na floresta pantanosa ao norte.

Infelizmente durante as buscas não encontramos nenhum papagaio-do-mangue se alimentando de buritis ou dos frutos de outras plantas tais como a *Acrocomia aculeate* e *Inga ingoides*.

Eles ou voavam através da trilha ou ficavam pousados nas árvores, quietamente se limpando ou nos olhando. É muito extraordinário como podem simplesmente desaparecer na nossa frente se você não prestar atenção. Outras vezes algum aparecia no campo de visão dos binóculos quando não tinha ideia de que estava na árvore ou mesmo olhando na minha direção.

Felizmente a Maracanã não é visada pelo comércio de aves de estimação em Trinidad atualmente, a ASESAs é capaz de sustentar populações de maracanãs e Papagaios-do-Mangue. Mas mantenha em mente que se a ASESAs se tornar cada vez mais modificadas e a disponibilidade dos frutos diminuir será um desastre para as maracanãs, já que dependem fortemente das palmeiras como alimento e local de nidificação.

Para os papagaios, é muito provável que veremos uma mudança nos recursos alimentares dentro da ASESAs para alimentos cultivados nas vilas circundantes, criando uma competição pelos recursos alimentares entre humanos e papagaios.

No fim, foram realmente sete meses formidáveis observando psitacídeos selvagens. Isso me deixou com uma sede insaciável por mais aventura e um grande orgulho de mim mesma, meu trabalho e na beleza ecológica indomável das savanas Aripo.

Aliya Hosein escolheu escrever sobre Araras-piranga para seu projeto de graduação em Comportamento Animal e tem continuado com psitacídeos desde então. Ela se interessa por onde vivem e como são capazes de sobreviver em habitats em constante mudança.

Legendas

Maracanãs se alimentando de frutos de buriti.

Papagaios-do-mangue silenciosamente observam o grupo de pesquisa.

Citação:

“É incrível para mim como podem simplesmente desaparecer na frente de nossos olhos se você não prestar atenção”

Reflexões sobre: Resgate de psitacídeos e adoção

Artigo e fotos © EB Cravens

April e eu fizemos outra viagem até nosso refúgio local de adoções um tempo atrás. Essa vez foi com o propósito de deixar dois casais de maritacas que seus donos não queriam mais (criadores aposentando). Era a segunda jornada dessa que fazíamos em duas semanas – a primeira havia sido para entregar uma Cacatua das Molucas de 24 anos e dois infelizes papagaios Amazona de diferentes espécies.

Todos os três psitacídeos foram dados para nós arranjarmos novos lares quando seus donos não podiam mais cuidar deles devido a sérios problemas de saúde. Enquanto estávamos lá, fizemos nosso costumeiro tour pelo local para ver as aves que chegaram recentemente em aviários de 12 metros e gaiolas menores e nos recintos acima e abaixo da colina.

Não vou dizer que era deprimente porque haviam tantas aves felizes e estórias positivas de resgates quanto as tristes e as adoções “negativas”. O que aconteceu foi: uma dose saudável de *realidade*. Uma coisa que se destaca na minha mente, no entanto, conforme escrevo esse texto:

“Todo criador de psitacídeos, cuidador, trabalhador de petshop, avicultor, e dono de ave de estimação de qualquer tipo deve ser incentivado a fazer uma visita similar a um santuário mais próximo para ver em primeira mão o que está acontecendo nesses lugares...”

Os variados habitantes de todas aquelas recintos no abrigo de nossa ilha e em centenas de locais assim ao redor dos EUA e no mundo, juntamente com o lamentável histórico das vidas de muitas dessas aves em cativeiro, certamente não são o *único* resultado do processo de reprodução de psitacídeos para o comércio de aves de estimação, mas eles são inquestionavelmente um dos resultados finais de algumas das práticas de avicultura e do mercado pet que tem ocorrido por décadas e que continuam nesse exato momento.

Onde está a responsabilidade por isso?

Agora, como alguém que tem isso como um hobby ocasional, não sou tão ingênuo em presumir em dizer que os avicultores não devem reproduzir psitacídeos em cativeiro. Outro fizeram isso em diversas ocasiões. E centenas de hobbistas e pequenos criadores diminuíram os seus programas de reprodução em anos recentes.

O que é mais importante, no entanto, é que se talvez alguns desses criadores de psitacídeos que ganham a sua vida vendendo filhotes, fossem conhecer pessoalmente os psitacídeos em refúgio, eles levariam de maneira mais séria as responsabilidades que assumiram.

Em uma de nossas visitas, algumas das aves mais velhas, muitos casais previamente reprodutores ou sozinhos, estavam visivelmente assustados com humanos – isso mesmo após décadas em cativeiro e de terem frequentemente diferentes históricos de vida.

Mas eram as aves de estimação criadas desde filhotes na mão que evocavam mais tristeza em mim.

Esses psitacídeos foram criados para serem companheiros de pessoas, e não é incomum que ao acabar indo para uma gaiola em um centro de adoção seja bastante traumático. Por exemplo, Wasu, a cacatua que lá deixamos, era um dos mais incríveis machos de cacatuas de estimação que já conheci.

Amigável, sociável com estranhos, tolerante com aves menores, não excessivamente barulhento quando tinha distrações suficientes, ele era uma parte integral da vida doméstica de sua família original. Mas ver sua vida sendo fraturada ao ser colocado em uma caixa de transporte e levado para um local estranho pareceu ser um enorme desapontamento.

Mas, Wasu não reagiu de maneira nenhuma a todo barulho feito por seus parentes, cacatuas brancas. Ele não fez nenhum esforço para se comunicar com as cacatuas fêmeas que se exibiam para ele. Na verdade, ele estava um pouco assustado por esses comportamentos. Tudo o que ele queria era ficar com humanos e implorar por atenção direta de seus novos mantenedores humanos.

Sua total falta de hábitos sociais com relação aos outros de sua espécie é um grande vazio – uma falha no sistema – pelo fato de que a avicultura faz e a maneira que escolhe reproduzir numerosas aves de estimação. O exato comportamento podia ser visto nas Jandaia-sol, Ararinhas-da-Patagônia, araras, e Ecletus nesse abrigo.

Eles imploravam aos humanos, ainda que foram humanos que os abandonaram e desistiram deles em primeiro lugar. Talvez, seja precisamente o fato de que os donos humanos os abandonaram que os tornam tão carentes. Ainda após anos de criar diversos filhotes independentes e bem comportados de psitacídeos que sabem que são psitacídeos e sabem como ocupar seu tempo por conta própria sem atenção constante de humanos, e não posso deixar de acreditar que muitos criadores de aves estão inadvertidamente fazendo aos filhotes que clamam amar, um grande prejuízo ao dedicar tanta atenção após retirá-los de seus pais e irmão tão abruptamente de modo que o futuro pet não teve uma vida familiar como ave, sem uma *identidade* pessoal.

Que tipo de psitacídeo eu criei?

Todos sabemos a importância de ensinar adequadamente o desenvolvimento do caráter de uma criança humana. Bem, onde estão os professores de nossos filhotes de bico curvo? Obviamente em grande parte das aves pet, humanos são os professores. Mas, o que estamos ensinando para essas aves? *Não bique. Não grite. Suba na mão. Coçar a cabeça.* Porém dúzias de outros ensinamentos para psitacídeos ainda existem que foram até mesmo ensinados para gatos domesticados! Porque isso acontece?

A maior parte dos psitacídeos que April e eu vimos no centro de adoção sabem aqueles comandos imediatamente. Eles estão felizes por causa disso? Essas habilidades rudimentares os preveniram de serem abandonados por seus donos originais?

Não estariam os nossos filhotes de psitacídeos em melhor situação aprendendo as intrincadas lições de seus pais e com sua espécie, de modo que possam compreender um pouco de comportamento aviário saudável em um mundo dominado por pessoas?

Afinal, muitos experts em manter psitacídeos de estimação tem indicado que alguns dos mais bem-comportados pets que já encontraram eram psitacídeos que foram criados por seus pais naturais.

Eles chegam a amar humanos; respeitam humanos, mas mantém a sua natureza selvagem também. Mas tais ensinamentos espécie-específico necessitam uma organização fora do comum, sem mencionar bastante tempo dedicado a isso. E no estabelecimento de reprodução comercial, tempo é dinheiro não é mesmo...?

O dilema dos reprodutores aposentados

Eu sempre acreditei firmemente em manter psitacídeos adultos em pares sempre que possível. Isso é certamente a melhor maneira de “aposentar” psitacídeos mais velhos para a última fase de suas vidas em cativeiro. O problema com essa ideia, tal como revelada em nosso santuário de resgate, é que tantos psitacídeos pets são disfuncionais emocionalmente ao ponto de que não podem aceitar o que seria o melhor para eles – um companheiro ou amigo de penas.

A maior parte não tem absolutamente nenhuma ideia de que outro psitacídeo do mesmo gênero ou espécie é algo com que podem se relacionar. Frequentemente a única limpeza de penas que essas aves jamais tiveram foi feita com dedos humanos – o que não é um mecanismo muito eficiente para pentear e confortar a haste das penas, posso assegurar isso!

Se você fosse retirado do ninho ou incubadora semanas antes que sua plumagem estivesse totalmente crescida, as chances de que teria experimentado os prazeres de ser penteado por um dos pais ou outra ave são frequentemente nulas. Sim, de vez em quando, as aves passam relativamente curtos períodos em grupos com irmãos e irmãs, mas frequentemente os pets são vendidos muito cedo (Até mesmo sem desmamar!) ou grupos que são divididos e vão para locais diferentes, etc.

Com certeza, alguns filhotes tiveram a oportunidade de sair do ninho e desmamar com os membros de sua família e com sua própria espécie. Seria tão difícil de se imaginar que a identidade da espécie se perca quando dificilmente possam olhar para outro psitacídeo como algo que proporcione segurança e companheirismo?

Ponha essas aves em um ambiente humano como um pet solitário por uma ou duas décadas e a situação pode ficar pior. No passado escrevi sobre o sentimento de solidão de filhotes de psitacídeos, escrevi sobre filhotes sendo criados como órfãos, mas na verdade, como visto em nosso centro de resgate local, existe outro fato relacionado. À manutenção de aves de estimação no mundo de hoje estabelecido por donos de aves de estimação que *“Meu psitacídeo não acha que é uma ave”*. *“Meu psitacídeo acha que é humano”*.

Tenho ouvido em muitas ocasiões. Que bagunça total e ofensa tanto para o psitacídeo de estimação e para àquelas pessoas que o criaram anteriormente ou que estão atualmente cuidando. Se você tem um psitacídeo assim vivendo em seu lar, que os deuses estejam com todos vocês – com sorte o amado pet nunca será abandonado e forçado a lidar com uma instituição de resgate superpovoada.

Eu honro e solidarizo com aqueles que mantêm esses santuários, mas estou horrorizado com a falta de treinamento que ocasionou que tantas dessas aves a ocupa-los.

EB CRAVENS é um escritor de ciências auto-didata: ele foi por anos um contribuinte da revista da AFA Watchbird Magazine e Companion Parrot Quarterly. EB atualmente escreve uma série de colunas mensais: “O psitacídeo completo” na revista PARROT, “O hobbista do bico curvo” na Australian Birdkeeper, e sua série mensal de artigos *“Mantendo aves de maneira natural”* enviada para clubes de aves e indivíduos nos EUA.

PRÓXIMA EDIÇÃO:

PARTE 2 – Soluções que podem beneficiar a situação do resgate/adoção

Legendas

Apesar de que fosse valorizada em uma época, Araras-azuis (acima) estão agora entre as muitas espécies entregues para adoção.

Muitos psitacídeos resgatados arrancam penas: Essa fêmea de Ecletus (abaixo à direita) foi desde então mudada para um aviário com dois machos e uma caixa de brinquedos e ela teve todas as suas penas crescidas novamente!

Um Grande-alexandre exultante com seu novo aviário de 120m de extensão com plantas.

Psitacídeos na natureza:

Cacatua-negra-de-cauda-vermelha (*Calyptorhynchus banksii*)

Cacatua-negra-de-cauda-vermelha alimentando um jovem. Fotografada em Taylors Beach, Queensland, Australia.

Encontrada na maior parte da Austrália, algumas subespécies da Cacatua-negra-de-cauda-vermelha tem sido afetada pela ação humana: a subespécie *graptogyne* pela perda de árvores de Eucalipto, a sua fonte primária de nidificação e alimento. A subespécie *naso* também está em risco pela perda de habitat através da perda de árvores e agricultura.